

Discurso de Agradecimento; Professor Emérito-FFLCH-USP 28.8.2008

Prof. Gabriel Cohn, Diretor desta Faculdade

Membros da Congregação desta Faculdade

Meus caros amigos e colegas que estão aqui e os que não puderam comparecer

Meus colegas do Depto. De Sociologia, em especial a Profa. Maria Arminda do Nascimento Arruda, chefe do nosso departamento.

Não sou muito dado a solenidades, e algumas podem me comover até descumprir o mandato que em minha terra se ensina aos pequenos “homem não chora”. Não sei se resistirei, e portanto, perdoem-me se em algum momento vier a constrange-los. Esta solenidade me é particularmente cara, pois me diz que minha faculdade valoriza meu precário trabalho de sociólogo. Sou um uspiano tardio, pois cheguei aqui já na terceira vida de um gato-sociólogo já passado pelos currimboques do diabo; dizem que os gatos têm sete vidas. Não me queixarei de minha precária formação em minha faculdade de filosofia de minha aquática, musical, bela e pobre cidade do Recife. Certamente eu teria sido melhor sociólogo se formado por esta faculdade, com Florestan Fernandes e Antonio Candido, demiurgos de sociólogos e críticos literários, mas Recife deu-me o socialismo de presente na universidade e esta foi minha maior aquisição; na verdade foram queridos amigos que entravam para a universidade na mesma época quem me apresentaram à criação civilizatória e emancipatória mais importante da moderna história humana. Embora tardio, direi com Tom Jobim em “Samba do avião”: minha alma canta quando entro na USP e em minha faculdade.

Não os aborrecerei com meu currículo, mas pontuarei o que me trouxe até aqui, talvez para confirmar que minha sociologia não foi em vão. Minha primeira vida de gato-sociólogo não foi acadêmica, nem universitária. Deu-se

no Recife, trabalhando ao lado de Celso Furtado, em cinco intensíssimos anos, que me deram uma lição de civismo- sim, devo dizer sem respeito humano – e de república; minha sociologia, mesmo precária, ajudou-me a entender de que lado eu estava. E vi por dentro o que é o Estado e suas relações com as classes sociais e os interesses particulares. Isto no Nordeste, onde estas relações eram paradigmáticas do velho patrimonialismo brasileiro que, estranhamente, deixou de ser apanágio de um Nordeste atrasado e na verdade é um estigma nacional, como bem o sabia Sergio Buarque de Holanda. Paradoxalmente, o golpe militar de 1964 salvou-me de uma exitosa carreira na alta burocracia do Estado brasileiro. Mas custou muito caro ao povo brasileiro e foi a derrota pior de nossas melhores virtualidades democráticas.

Depois de breve passagem pela burocracia internacional de assessoria,- alguns mais irônicos a chamam de *trottoir* , com o protesto das mulheres-damas da noite - onde minha sociologia me avisou que modelos econômicos bem construídos não transformariam sociedades plasmadas por oligarquias cruéis como as da América Central – aterrisei pela segunda vez em São Paulo e desta vez fiquei. Resumindo, em 1970 entrei no Cebrap, pelas mãos amigas de Octávio Ianni e fiquei lá por 25 anos. Foi minha segunda vida de gato-sociólogo. Como não sou historiador “soviético”, não faço releituras anacrônicas: foi uma segunda vida e tanto, e como sociólogo desta vez o enriquecimento foi imenso.

Contei com a generosidade de muitos, alguns dos quais depois discordei de suas opções políticas, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, e José Arthur Gianotti, Reginaldo Prandi, Antonio Flávio Pierucci, Juarez Rubens Brandão Lopes, Álvaro Comin, os saudosos Vinicius Caldeira Brant e Candido Procópio e tantos outros que deram ao Cebrap uma presença e uma iluminação decisivas. Tenho, pois, uma relação visceral com minha faculdade

muito antes de fazer parte de seu corpo docente. Para utilizar a classificação de Burawoy, mergulhei de cabeça na sociologia profissional, na sociologia crítica e na sociologia pública. Reformei-me como sociólogo. Atuei em todas as áreas, todos os campos, todos os momentos, todos os instrumentos, utilizando minha sociologia, desta vez enriquecida pela experiência dos “mesões” e dos debates no Cebrap. Até jornal fiz, e um deles, o **Amanhã** só saiu uma única vez: só teve um hoje. Aí, minha percepção sociológica certamente falhou. Atuei como recomenda Gramsci, uma das minhas melhores aquisições – não me comparo com um Carlos Nelson Coutinho ou com um Luiz Werneck Vianna – no campo dos marxismos, travando uma constante “guerra de posições” talvez porque minha sociologia profissional seja insuficiente para fazer uma obra mais consistente. O que não foi o caso do “pequeno grande sardo”, a cuja “guerra de posições” o obrigava a ditadura fascista.

Em 1988, trazido pelas mãos de minhas queridas profas. Eva Blay, Irene Cardoso e Aparecida Joly Gouveia, indicado por meu querido Flávio Pierucci, entrei na FFLCH-USP e então cantei com Tom Jobim. No meu departamento encontrei a melhor acolhida, e eu que pensava ser um gato escaldado, reformei-me pela segunda vez. Como se vê, sou reformista por vocação. Deram-me todas as chances e em 1992 fizeram-me professor titular. É muito para o Padre Anselmo, um pároco cansado e talvez já sem fé, batina velha surrada e um burrico para as longas jornadas, esquecido lá pelos sertões do Pajeú, chamado a altas horas da noite para ajudar uma alma que se entregava a Deus. Montou no também velho burrico e em lá chegando ao invés da morte encontrou uma mulher mais que linda, uma “mulher vestida de sol”, diria Ariano Suassuna. O que você faria, padre Anselmo, propôs-lhe o bispo da diocese no retiro espiritual, não sem alguma malícia. Depois de gaguejar,

pedir desculpas ao bispo, pressionado, finalmente balbuciou: “esta felicidade não chega pro padre Anselmo, “seu” bispo”. E chegou-me esta felicidade: professor emérito de minha faculdade. Já contei a anedota na SBS, em Recife, quando agraciado com o prêmio Florestan Fernandes, ao lado do prof. José de Souza Martins e da profa Neuma Aguiar, da UFMG. Pode ser repetitiva, mas é engraçada e diz tudo que eu gostaria de dizer.

Aqui encontrei o ambiente para fazer, com minhas queridas Maria Célia Paoli, Vera Silva Telles, Cibele Saliba Rizek, Lucinéia de Almeida, Ana Amélia da Silva, Carmelita Yasbek e os não menos queridos Laymert Garcia dos Santos, Carlos Alberto Bello, Leonardo Mello e Silva e Luiz Roncari, com o apoio do meu departamento de Sociologia, do departamento de Ciência Política, do Departamento de Filosofia e do Departamento de Letras Clássicas, este que é nosso pendão e nosso orgulho, minha tribo gaulesa, O Cenedic, originalmente Nedic. Anárquica e...produtiva. Deixem-me ser um pouco, só um pouquinho, ufanista, mas que não chega à cabotinice, eu que sou um frankfurtiano tardio, um Jeremias que só vê catástrofe: dois livros coletivos nos nossos 9 anos de vida, e o terceiro seminário internacional, que está sendo organizado agora pelo nosso Ruy Braga; ao qual se seguirá um terceiro livro coletivo. Não é pouco. Foi o professor Francis Aubert quem nos deu todo o apoio, partindo dele a sugestão, para que de núcleo nos transformássemos em centro interdepartamental, e nos deu de presente esta Lucinéia Del Toboso, que partiu na aventura com estes quixotes sem perguntar no que daria tamanha ousadia.

Não estou aqui apenas para rememorar, mas lembrar é preciso. Ao contrário dos que pensam os crentes na objetividade e nos registros, a memória deve ser o que nos diferencia no reino animal. Talvez Darwin já soubesse e certamente as vítimas do Holocausto só dispuseram da memória para que o mundo

conhecesse a tragédia. Minha terceira vida de gato-sociólogo ainda não se encerrou, e se a madrasta não vier antes do esperado, esta solenidade não é o fim de uma carreira, mas sua continuação.

Estamos empenhados agora no Cenedic num novo projeto temático, com o apoio, pequeno decerto, do CNPq, conduzido por mim próprio, pela nossa querida Cibele e pela nossa querida Joana Barros. E agora com a firme direção do nosso querido Ruy Braga. Trata-se de investigar as novas formas de dominação no capitalismo globalizado. Principalmente as que estão ocorrendo na periferia industrializada, v.g. Brasil e África do Sul como paradigmáticos.

Para isso faz-se necessário enfrentar os desafios contemporâneos para um revigoramento das sociologias pública e crítica, ainda me servindo de Burawoy. Pois o novo enigma parece desafiar toda racionalidade: partidos e lideranças profundamente comprometidos com o *anti-apartheid*, que África do Sul construiu explicitamente a partir dos anos 40, e o Brasil sutilmente como é nossa especialidade, desde a Abolição, ao chegarem ao poder transformam-se no seu contrário. Sei que muitos aqui e lá fora não concordarão, mas é preciso ver os novos fenômenos sem nos espantarmos com sua irreverência canônica; sei que as grandes narrativas histórico-sociológicas estão em desprestígio, que o minimalismo virou não apenas estilo musical; que o neoliberalismo adotou a tese de Fukuyama de que a história já se encerrou. Mas nossa sociologia diz o contrário. Diz que em tempos globais, faz-se necessário, urgente mesmo, um revigoramento sociológico capaz de captar, conhecer, o novo enigma. E o Brasil, como um dos paradigmas dessa dominação às avessas, pede com urgência nosso engajamento numa nova sociologia crítica, numa nova sociologia pública. E numa nova sociologia profissional, pois certamente a escala dos acontecimentos e sua complexidade não se revelam com nossos “microscópios”, e nossos “bisturis” sociológicos

podem estar sem corte. Sem dramatizar em excesso, que este salão pode não acolher, faltaremos ao compromisso cívico e científico se olharmos apenas superficialmente e minimalisticamente a nova realidade.

Não foi assim que nossos clássicos viram o “homem cordial”, a colônia como negócio, o escravismo como dominação “doce”? Até escandalizando os cânones. Sem a pretensão de estarmos no mesmo plano, mas com a pretensão de seguir-lhes os passos audaciosos.

Por uma universidade pública, gratuita, laica e democrática.